

Eu sou um *ser* humano, não sou um *ter* humano

Walter Andrade Parreira

A brincadeira de alguns indiozinhos me atrai a curiosidade, vou até lá. A alegria deles é uma festa, e vê-los me remete ao que é o contraponto para o lado pesado da vida que os espera quando adultos: há toda uma dimensão maravilhosa e fantástica no viver do índio que decorre, precisamente, do fato de ele conquistar a cada dia a subsistência apenas daquele dia. Essa é uma condição de vida muito especial, à qual, inclusive, o relatório de Cimi também se referia: “o índio vive o presente”. Como temos visto, ele entra em sua canoa e parte para o rio e para a mata buscando sua sobrevivência do dia de hoje, que é o dia em que ele e os seus estão vivos. Quando encontra o suficiente para *hoje*, ele volta. O amanhã é *outro* dia, e, portanto, ainda não chegou, não pode ser vivido. O dia de amanhã será conquistado amanhã e não há uma preocupação (pré-ocupação, ocupação prévia) com aquele dia que ainda não veio. Não há tal angústia. O que se caça e pesca é apenas para o hoje mesmo. Não há sequer meios de preservação dos alimentos, não há como guardá-los por muito tempo.

E, dessa forma, a vida é a cada dia sempre nova, uma emoção, uma aventura: caçar uma paca, físgar um peixe, abater uma anta... E o índio dispõe da sua vida enquanto ela acontece, *agora*. Mesmo porque ela é, também, todo um risco: ele pode não voltar da mata – há *puybu*, a cobra, *jakora*, a onça, há todos os perigos da floresta e do rio. O agora está profundamente integrado no seu cotidiano, ele viveu sua vida sempre assim, sua história lhe deu esse presente: o presente de viver o presente.

Refletindo sobre essas questões, enquanto ainda observo os meninos, eu me dou conta da distância intransponível que há entre o mundo do índio e o nosso mundo *parivat*, entre a experiência interior que o índio faz da vida e a experiência que o “civilizado” faz do seu viver. Eu posso tentar participar ou, pelo menos, tentar compreender o como ele experiencia a vida, tentar ver como ele a vê, buscar apreender o seu olhar, ver o mundo com os seus olhos, mas eu entendo que não é possível. Eu tenho uma história, uma formação, uma cabeça feita para ver a vida de um outro ângulo e de um outro referencial. Além da angústia extrema que eu sentiria diante dessa constante ameaça *parivat* que, com certeza tiraria todo o meu sono e toda a minha paz – o que,

pelo que vejo, não acontece com os índios –, um outro único ponto é suficiente para revelar-me o quanto estou longe deles: eu não sei o que é não ter o que comer e, pior, eu não sei o que é não me “pré-ocupar” com a possibilidade de não ter.

Com eles se passa muito diferente: eles têm a confiança suficiente na vida para regressar da mata quando recolhem o alimento apenas para o dia de hoje. Eles têm a segurança necessária para saber que o amanhã pertence ao amanhã, que o amanhã será conquistado *amanhã*. “A cada dia basta o seu cuidado – não vos preocupeis com a vossa vida, acerca do que haveis de comer, nem com o vosso corpo, acerca do que haveis de vestir. Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisões nos celeiros.” “Não vos aflijais, pois, dizendo: que comeremos? Que beberemos? Não vos preocupeis pelo dia de amanhã; o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado.” (Mt. 6.25-6.34). O índio vive o evangelho, a palavra de Cristo está no seu cotidiano, incorporada ao seu viver. Como o dizer de um missionário, registrado no documento do Encontro do Cimi: “O Evangelho está no índio; nós podemos apenas ajudar a explicitá-lo.”

O *parimat* não vive assim, não consegue. Ele vive preso no que se passou ontem e no que poderá acontecer amanhã. É desejoso de se libertar dos dois e cair no agora. Mas como? Há o salário no fim do mês, as contas a pagar. Será que o dinheiro vai dar? O futuro está sempre presente. Há o aumento do aluguel, o saldo negativo no banco, a possibilidade do desemprego. E como vai ser a aposentadoria? O amanhã já existe na sua luta de hoje. E quando o *parimat* é rico e poderoso, ele está “pré-ocupado” com a sua segurança e voltado para o *ter*. A acumulação de riquezas é a sua vida, sua história é a história da sua conta corrente, seu valor pessoal é o que aponta o seu saldo bancário. Inseguro, criou até a figura do seguro “de vida”, procurando assegurar-se contra a morte, para poder viver tranqüilo o dia de hoje.

Mas será que esse seguro “segura” isso? Será que o seguro de vida “assegura” o viver o hoje? Doce ilusão! Esse hoje nunca chega: aqueles que conseguem *ter* o suficiente para viver uma vida inteira – e mais outra ou mais mil vidas –, acabam tendo que passar o resto de seus dias presos na “pré-ocupação” de manter, de garantir, segurar, evitar perder o que adquiriram. Como o exército de um país que invade outro: após

conquistá-lo, ele *tem* que se manter em alerta permanente, em atenção máxima todo o tempo para evitar perder novamente seu domínio. É que *ter* é a possibilidade de perder. Quem *tem* não pode viver tranquilo e em paz, há que ficar guardando e vigiando, pois há muito a perder, há *tudo* a perder. Quanto mais se *tem*, mais se tem para perder. E quem não tem, quem não vive para o *ter*, não tem nada a perder, nada que segurar. Pode, então, entregar-se, solto e livre, simplesmente a viver, a *ser*.

Essa é a vida do índio. Ele está envolvido com o *ser*, não com o *ter*. Nós não nascemos mesmo para o *ter*, nós só nos realizamos no *ser* – eu sou um *ser* humano, não um *ter* humano. As coisas, os objetos, o dinheiro, tudo isso é estranho a nós, no sentido de que não integram o *ser*, são externos a ele. Nós chegamos a esse mundo sem eles e vamos partir sem eles. Se nos identificamos com tais coisas, precisamos nos encher cada vez mais com elas, num processo sem fim, pois elas se tornam imprescindíveis ao nosso ego.

E o ego é insaciável, é um saco furado, para sempre vazado, arrombado, uma garganta voraz, sem fundo. A riqueza do índio é o rio, a floresta, o seu trabalho, a sua rede, o seu dia e a sua noite. Sua riqueza é a sua vida. Ele não tem nada além do necessário, nada de sobra, nada supérfluo ou em excesso. Ele desconhece a propriedade privada: tudo é de todos e o que ele colhe, caça ou pesca é dividido fraternalmente, igualitariamente. A mesa é uma só, é para todos... lá embaixo da coberta.

Extraído do livro:
“Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia”
(Cap.15 – ‘A cada dia basta o seu cuidado’ – pág. 248 a 251)